

## CONCLUSÃO

“O homem é sobretudo a sua obra.”  
(Padre Vieira)

“Em sua obra, papai transmitiu  
a sua mensagem espiritual,  
a mensagem de sua vida.”  
(Rosa, Vilma, p.101).

Assim como “Orígenes atribuiu três sentidos as palavras da Escritura: o histórico, o moral e o místico, correspondentes ao corpo, a alma e ao espírito que integram o homem (...)” (Borges, vol.I, p.225), eu tentei dar três dimensões ao reflexo místico em Guimarães Rosa: o misticismo histórico, físico ou corporal de Joãozito; o misticismo moral, da alma, do escritor Rosa que é empregado em seu processo criativo e o misticismo “místico”, do espírito, que surge quando analisamos sua metafísica da linguagem através do seu tratamento do idioma e a utilização desse para um despertar no leitor acerca do mundo e de si mesmo.

Isso, no entanto, pode parecer incomum, até mesmo paradoxal, já que se presume que os reflexos possuem apenas uma dimensão e que esta estaria numa superficialidade. Este foi, exatamente, o intuito deste trabalho: o que parecia ser apenas um reflexo em uma dimensão acabou se mostrando como uma imagem em três dimensões que abarcavam tanto o corpo, quanto a alma e o espírito de João Guimarães Rosa.

Poderia também dizer que é possível ainda colocar um espelho na frente do outro, gerando uma imagem de infinitos espelhos. Imagens essas que constituem a sua narrativa e que refletem seu pensamento místico próprio, uma forma de saciar a sua “saudade da eternidade”. Através disso a sua escrita devia ser libertadora, tanto para o autor quanto para o leitor, devia resgatar essa “eternidade” perdida, calcificada em formas comuns sob os meandros dos mecanismos da Modernidade e lhe restituir o poder. Uma força capaz de impulsionar o homem a um estado de completude. Não uma completude perdida, primitiva, mas uma nova completude saída do diálogo entre o moderno e o arcaico.

É João Guimarães Rosa no meio do rio. Numa margem há a racionalidade, a Modernidade. Na outra há o misticismo religioso, o Esoterismo ocidental e oriental. Ele não adere a nenhuma das duas. Fica remando de uma a outra, criando tensões e distensões, articulando entre as duas e em diversas direções, mas sem nunca sair do seu entre-lugar. Pois é neste espaço, nesse “rio São Francisco”, que o “crocodilo” Rosa vive. É um “mar da sabedoria”, “profundo como a alma do homem” e que possui uma superfície clara e vivaz e uma profundidade tranqüila e escura “como os sofrimentos dos homens”.

Procurei começar a rastrear um certo borbulhar nesse rio de bolhas filosóficas, de novas formas de ver o mundo e a si mesmo. Borbulhas na superfície, na narrativa, que são como uma luzerna vinda das profundezas, um brilho perdido, ou “o brilho da espada, o brilho sem espada” (Deleuze, p.32), que nos chama atenção, que brinca conosco e que nos faz muitas vezes afogar em Guimarães Rosa. Um brilho que ele nomearia Eternidade.

(...)Amo ainda mais uma coisa de nossos grandes rios: sua eternidade. Sim, rio é uma palavra mágica para conjugar eternidade.(Lorenz, p.36-37)